



**O triunfo do urbano**  
***The triumph of the urban***  
***El triunfo de lo urbano***

PAQUOT, Thierry<sup>1</sup>  
RIBEIRO, Elane Peixoto <sup>2</sup>

<sup>1</sup>Autor: Thierry Paquot, filósofo do urbano, autor de numerosas obras sobre a urbanização planetária, as utopias e a geo-história do pensamento ecológico.

<sup>2</sup>Tradutora: professora da Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Brasília, Distrito Federal, Brasil.  
elanerib@hotmail.com  
ORCID:0000-0001-9998-3438

Recebido em 03/10/2023 Aceito em 04/12/2023



## Resumo<sup>1</sup>

O presente artigo situa as discussões de Françoise Choay sobre o mundo contemporâneo, no qual ela reconhece o triunfo do urbano em escala planetária. Os termos “*non-ville*” [não cidade] e “*non-campagne*” [não campo] são propostos pela autora para indicar o fim da cidade como conjunção entre *civitas* e *urbs* — isto é, uma comunidade reunida em um espaço definido e delimitado e que se distingue, por oposição, ao campo. São termos-chave para o entendimento de um fenômeno de dispersão do urbano decorrente da inovação dos meios de transporte e comunicação que constituem redes técnicas que conformam os espaços e os comportamentos. As posições de Choay são cotejadas com as de pensadores como Bernard Charbonneau, Henri Lefebvre, Maurice Bardet, Melvin Webber, Francesco Indovina, entre outros. A tradução do artigo, originalmente escrito em francês, deu atenção ao ritmo do texto, respeitando sua pontuação, e manteve os títulos citados e os neologismos no idioma original, indicando a tradução dos últimos entre colchetes. Notas foram incluídas para auxiliar os leitores brasileiros que, porventura, não estejam familiarizados com os autores mencionados.

**Palavras-chave:** *Non-ville* [não cidade]; *non-campagne* [não campo]; urbanização contemporânea; dispersão urbana.

## Abstract

*This article situates Françoise Choay's discussions on the contemporary world, in which she recognises the triumph of the urban on a planetary scale. The terms non-ville and non-campagne are proposed by the author to indicate the end of the city as a conjunction between civitas and urbs - that is, a community gathered in a defined and delimited space and distinguished, by opposition, from the countryside. These are key terms for understanding a phenomenon of urban dispersion, resulting from the innovation of means of transport and communication that constitute technical networks that shape spaces and behaviours. Choay's positions are compared to those of thinkers such as Bernard Chabonneau, Henri Lefebvre, Maurice Bardet, Melvin Webber, Francesco Indovina, among others. The translation of the article, originally written in French, has paid attention to the rhythm of the text, respecting its punctuation; it has kept the titles quoted and the neologisms in the original language, indicating the translation of the latter in brackets. Notes have been included to help brazilian readers who may not be familiar with the authors mentioned.*

**Keywords:** *Non-ville; non-campagne; contemporary urbanisation; urban sprawl.*

## Resumen

*Este artículo sitúa las reflexiones de Françoise Choay sobre el mundo contemporáneo, en las que reconoce el triunfo de lo urbano a escala planetaria. Los términos non-ville y non-campagne son propuestos por la autora para indicar el fin de la ciudad como conjunción entre civitas y urbs, es decir, una comunidad reunida en un espacio definido y delimitado y distinguida, por oposición, del campo. Se trata de términos clave para comprender un fenómeno de dispersión urbana, resultado de la innovación de los medios de transporte y comunicación que constituyen redes técnicas que modelan los espacios y los comportamientos. Las posiciones de Choay se comparan con las de pensadores como Bernard Chabonneau, Henri Lefebvre, Maurice Bardet, Melvin Webber, Francesco Indovina, entre otros. La traducción del artículo, escrito originalmente en francés, ha prestado atención al ritmo del texto, respetando su puntuación; ha mantenido los títulos citados y los neologismos en la lengua original, indicando la traducción de estos últimos entre paréntesis. Se han incluido notas para ayudar a los lectores brasileños que no estén familiarizados con los autores mencionados.*

**Palabras clave:** *Non-ville; non-campagne; urbanización contemporánea; expansión urbana.*

---

<sup>1</sup>Este resumo foi escrito por Elane Ribeiro Peixoto, tradutora do artigo e editora convidada da *Revista Paranoá*.  
*This abstract was written by Elane Ribeiro Peixoto, translator of the article and guest editor of Paranoá Magazine.*  
*Este resumen ha sido escrito por Elane Ribeiro Peixoto, traductora del artículo y editora invitada de la Revista Paranoá.*



## 1. O urbano vitorioso

Thierry Paquot

Quando falamos de um território, pensamos nele, em geral, a partir das palavras “cidade” e “campo”. Françoise Choay muda a situação questionando esses dois termos e privilegiando a palavra “urbano” para nomear a etapa histórica atual em que suas inter-relações se modificam. Em 1994, ela publica dois artigos que expõem sua posição: *Penser la non-ville et la non-campagne de demain*<sup>2</sup> e *Le règne de l'urbain et la mort de la ville*<sup>3</sup>. Esses dois textos a obrigam a completar a glosa do termo “urbain” [urbano] do *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*, publicado em 1988 e reeditado em 1996. O que ela acrescenta? Esta frase: “Na falta de um termo melhor, pode-se propor chamar urbana a nova civilização que se implanta em escala planetária, eliminando a ancestral diferença entre cidade e campo e podendo ser definida como um sistema operatório, válido e desenvolvido em todos os lugares, constituído por redes materiais e imateriais, assim como por objetos técnicos, cuja manipulação reverbera em um circuito fechado sobre as relações que nossas sociedades travam com o espaço, o tempo e os homens”. Ela faz referência à sua contribuição para um trabalho coletivo de prospecção encomendado pela Délégation à l'aménagement du territoire et à l'action régionale (Datar) [Delegação para o planejamento do território e ação regional], que reporta ao primeiro-ministro e da qual participaram personalidades de primeiro escalão, como o geógrafo Armand Frémont, os sociólogos Michel Crozier, Alain Touraine e Henri Mendras, o politólogo René Rémond e o dromólogo Paul Virilio<sup>4</sup>...

O que ela anuncia nessa contribuição? Que a cidade europeia, entendida como a unidade de uma “comunidade social (*civitas*) e um espaço construído (*urbs*) limitado e configurado com precisão”, na França, desapareceu para dar lugar a uma “*non-ville*” [não-cidade], que denomina “*l'urbain*” [o urbano]. Isso resulta de um processo histórico: a industrialização, ao mecanizar as atividades agrícolas e manufaturadas e ao transformar os territórios com o apoio da ferrovia, esgarça os vínculos entre a *civitas* e a *urbs*, criando a metrópole e gerando o “*l'urbain*” [o urbano] a partir das cidades e dos campos que desloca. Observa que, paradoxalmente, é nessa época que o barão de Haussmann remodela a capital, anexando a ela os vilarejos vizinhos — em 1º de janeiro de 1860, Paris passa de 12 para 20 bairros —, e que Cerdà libera Barcelona de suas fortificações para se estender ainda mais para os arredores. Ele inventa “o urbanismo”, que pretendia que fosse uma verdadeira “ciência” que considera as evoluções das técnicas e seus efeitos sobre “a forma das cidades e seu tecido”. Desde então, constata, “o divórcio da *urbs* e da *civitas* foi consumado. A interação dos indivíduos ao mesmo tempo se desmultiplicou e deslocizou”. Pode-se, a partir daí, definir o urbano como “a entidade que constitui as redes técnicas e

<sup>2</sup>CHOAY, Françoise. “Penser la non-ville et la non-campagne de demain”. In: Délégation interministérielle à l'aménagement du territoire et à l'attractivité régionale. **La France au-delà du siècle**. Paris: Edition de l'Aube/Délégation interministérielle à l'aménagement du territoire et à l'attractivité régionale, 1998.

<sup>3</sup>CHOAY, Françoise. “Le règne de l'urbain et la mort de la ville”. In: Dethier, Jean et Guiheux, Alain (eds.). **La Ville, art et architecture en Europe, 1870-1993**. Paris: Centre Georges Pompidou, 1994, pp. 26-35.

<sup>4</sup>**Armand Frémont** (1933–2019): geógrafo conhecido pelo conceito de espaço vivido, que formulou em 1976. É autor de várias obras sobre geografia regional, em especial sobre a Normandia.

**Michel Crozier** (1922–2013): sociólogo cujas pesquisas estão centradas no mundo do trabalho, com foco nos movimentos socialistas e sindicatos americanos.

**Alain Touraine** (1925–2023): sociólogo com vasta obra publicada, que corresponde a diferentes fases de sua prolífica atividade intelectual. Sua obra é classificada em três fases: a primeira dedicada ao estudo do mundo do trabalho, a segunda aos movimentos sociais a partir de 1968 e a última à revalorização do papel do sujeito.

**Henri Mendras** (1927–2023): sociólogo cujas pesquisas tiveram como interesse o mundo do camponês da França, ameaçado de desaparecimento em virtude de sua substituição por agricultores que organizam sua produção segundo os modos capitalistas.

**René Rémond** (1918–2007): historiador e professor da École Normale da Universidade Paris Nanterre, da qual foi reitor. Colaborou para a criação do Institut d'Histoire du Temps Présent (IHTP) [Instituto de História do Presente], do qual foi o primeiro presidente, de 1979 a 1990.

**Paul Virilio** (1932–2018): urbanista e ensaísta. Sua obra foi construída sobre o interesse pela tecnologia e os efeitos da velocidade sobre o espaço. Com formação de mestre vidreiro, colaborou com Matisse e Braque. Deixou um legado de numerosos livros.



os comportamentos causados por seu uso”. Para Choay, o advento do urbano beneficia três destruições conjugadas: “uma destruição pela confusão das escalas de intervenção”, “uma desconstrução pela arquitetura (...) de imagem promocional”, submissa aos engenheiros, e “uma destruição (...) particularmente perversa, pelo viés da valorização e da proteção jurídica dos centros e tecidos antigos”, entregues ao *marketing* urbano e indiferentes aos bairros “comuns” e às “paisagens rurais abandonadas”. Essa avaliação da situação urbana não é novidade: dois autores de quem ela gosta muito começaram a pensá-la, Gustavo Giovannoni (1873–1947) e Melvin Webber (1920–2006). Desde 1913, o italiano Gustavo Giovannoni percebe a importância das redes na profunda reorganização territorial e imagina o “patrimônio urbano” como proteção da cidade histórica dos ataques da “tecnologia total”. O americano Melvin Webber, no final dos anos 1950, observa que o automóvel e o telefone estavam incentivando a “realocação das residências e das empresas”, o teletrabalho e a era da pós-cidade. Françoise Choay observa que os textos não são traduzidos, o que, a seu ver, é revelador significativo do estado miserável da reflexão na França a respeito das evoluções que afetam as cidades e o campo. O que ela não diz é que trabalha para traduzi-los. *L'urbain sans lieu ni bornes (The Urban Place and Nonplace Urban Realm, 1964)* é publicado em francês em 1996 com prefácio e comentários de Françoise Choay. A obra *Vecchie città ed edilizia nuova*, de Gustavo Giovannoni, de 1931, editada e com introdução de Françoise Choay, sai em 1998, relançando o estudo dos trabalhos de Giovannoni na Itália e divulgando-os, enfim, na França. Nesse artigo, ela aborda a globalização da “civilização do urbano” impulsionada pelo uso irrefletido das novas tecnologias de informação e de comunicação (NTIC) que moldam os comportamentos e representações inéditas. Essa desrealização do mundo é grave, pois separa o indivíduo de seu corpo e de seus territórios, apagando as temporalidades vividas, percebidas e concebidas em nome da aceleração... Tal constatação conduz a autora a reivindicar um “planejamento etológico” capaz de instaurar novas urbanidades territorializadas. É um combate a travar sem nenhuma garantia de vitória...

Françoise Choay, já em 1990, em *Le débat*, estigmatizava a noção de “cidade”, que não correspondia mais ao que pretendia designar. De fato, as cidades sofreram um duplo processo, o de “disseminação extrema” e o de “deslocação interna”. A disseminação? “Se diz expansão urbana”, precisa Françoise Choay, “espaços virgens e paisagens: é a difusão por simples justaposição de elementos padronizados em dimensões variadas (do supermercado local ao mobiliário urbano, passando pelo motel, edifício de habitação coletiva, pavilhão pré-fabricado e posto de gasolina), comuns em todo o planeta”. E a deslocação? Ela atinge as cidades antigas desnaturando-as pela implantação dos superedifícios desproporcionais e em desacordo com o tecido existente, como a Biblioteca Nacional da França ou o Ministério das Finanças, em Paris. Ali, também, ela cita Cerdà, Giovannoni e Webber, o que confirma o longo amadurecimento de sua reflexão, que expõe com força e clareza quando da consagrada exposição “A cidade”, em 1994, no Beaubourg.

O título é eloquente e sem nenhuma ambiguidade: *Le règne de l'urbain et la mort de la ville* [O reinado do urbano e a morte da cidade]. Françoise Choay explica que, na Europa, a “cidade” não existe mais: “Não existe mais, é hora de admitir, sem hesitação, o desaparecimento da cidade tradicional e de se perguntar, em síntese, sobre a natureza da urbanização e sobre a *non-ville* [não cidade], que parece ter se tornado o destino das sociedades ocidentais avançadas”. Data esta mudança, o deslocamento da *urbs* e da *civitas*, da industrialização que perturba todas as organizações territoriais, ao ponto de um engenheiro espanhol, Idelfonso Cerdà, inventar uma nova ciência, “o urbanismo”, em 1867, com a publicação de sua *Teoría general de la urbanización*. Para ele, “as características distintivas da nova civilização são o movimento e a comunicação”, a cidade não tem mais limite, ela se estende por tudo, tomando a forma das redes às quais pertence e que contribui para desenvolver. Se as formas “antigas” ainda perduram por alguns decênios, as finalidades das cidades não são mais as mesmas, e seus



habitantes não se comportam mais como membros ligados a uma só cidade, são os “urbanitas”. “Transportes e telecomunicações”, observa Françoise Choay, “nos envolvem em relações cada vez mais numerosas e diversas, membros de coletividades abstratas ou cujas localizações espaciais não coincidem mais e não apresentam estabilidade no tempo”. De resto, foi Françoise Choay que apresentou Cerdà ao público francês. Lewis Mumford o menciona, mas quem reparou? Cerdà atribui às redes a dinâmica urbana que, aqui e acolá, transformam as cidades. Françoise Choay diz aos leitores: “A cidade europeia, mesmo se presente, embora drasticamente diminuída, deve e pode ser ao mesmo tempo preservada e utilizada como obra de arte, como patrimônio social e como incentivo a redescobertas das escalas da urbanidade”. Na verdade, ela acredita que a situação é trágica e que as tecnologias digitais, aperfeiçoadas em ritmo acelerado, desmaterializam a cidade. O que Melvin Webber observou, ou seja, o papel “desespacializante” das técnicas comunicacionais, na virada dos anos 1950 e 1960, não reduz a manifestação de novas urbanidades, mas as liberta da cidade concentrada e densa e as inscreve no meio urbano disperso.

Em *La terre qui meurt*, publicado em 2011, Choay expõe suas ideias sobre os efeitos do que nomeia a “revolução eletrotelemática” que se espalha por toda a Terra: desdiferenciação (homogeneização das culturas e empobrecimento das línguas), destemporalização (tirania do imediato e da velocidade), descorporificação (perda dos sentidos e hegemonia do virtual) e desinstitucionalização (redução das interações entre os humanos e desaparecimento da política na escala dos coletivos cidadãos em benefício dos *lobbies* que controlam as redes). Como reagir a essa desumanização programada, retornar ao território, à sua dimensão local, à solidariedade entre natureza e cultura? Há pouco espaço para manobras. A sociedade de consumo domina as menores relações entre os humanos e entre eles e o vivente, reduzindo todo ato, todo sentimento, todo sonho a uma mercadoria. Ela condiciona os comportamentos de cada uma e cada um por meio da digitalização, fazendo-nos de vítimas da “servidão voluntária” de La Boétie, na versão *hors-sol...* Para Françoise Choay, o urbano, produzido pela dominação tecnológica e a extensão do domínio digital, rompe nossos vínculos antropológicos com a Terra e nos isola em agrupamentos virtuais de “perfis” determinados pelos algoritmos.

Refazer os fios de convivência entre humanos e a natureza torna-se um imperativo, assim como a necessidade de territorializar as temporalidades de nossa existência.

A noção de “urbano” que ela sugere para designar a etapa atual de urbanização participa de um movimento mais amplo de reflexão sobre o devir urbano do mundo e o fim da dupla cidade/campo, sem estabelecer vínculos entre eles. Ela não menciona, por exemplo, Bernard Charbonneau<sup>5</sup> nem Henri Lefebvre, que, no entanto, vão nessa direção. Sei, por minhas diversas conversas com Françoise Choay, que ela conhece os escritos de Henri Lefebvre (1901–1991), que cita às vezes, mas jamais a propósito do urbano. Ele é certamente muito “marxista” a seus olhos e não suficientemente preciso em suas fontes. É em *La révolution urbaine*, em 1970, que ele explica que a contradição cidade/campo se resolve pela aparição de um terceiro termo, o “urbano”, que, por sua vez, segundo o esquema hegeliano da dialética, entrará em contradição com um novo termo. O urbano corresponde à superação (*aufheben*) da oposição entre as cidades e o campo e marca seu apagamento. Não estamos muito longe das *non-villes* e *non-campagnes* de Françoise Choay...

Bernard Charbonneau (1910–1996) conhece Henri Lefebvre, eles são vizinhos em Béarn, onde o primeiro reside e o segundo tem uma casa de férias, em Navarrenx. É por meio de Henri Lefebvre que

---

<sup>5</sup>Bernard Charbonneau (1910–1996) – historiador e geógrafo, é autor de diversos livros e artigos que se debruçam sobre as mudanças tecnológicas e a extinção de formas tradicionais de vida no campo.



Bernard Charbonneau publicou *Le Jardin de Babylone*, em 1969, pela Gallimard. Essa obra notável sobre a urbanização do mundo passou despercebida, de modo que os novos escritos do autor tiveram de encontrar outro editor. O livro de Maurice Bardet (1932–2015), *La fin du paysage*, com fotografias, colagens, grafites, reproduções de recortes de imprensa, textos curtos e legendas, tudo sem um índice, mas com quatro textos de Bernard Charbonneau para estruturá-lo, é publicado pela Anthropos. Essa editora também publica Henri Lefebvre.

Esses textos (*La lèpre du paysage*, *L'invention du paysage*, *De l'anarchitecture pavillonnaire à l'ordre Babelien* e *Vers la banlieue totale par le pouvoir total*) foram reunidos, em 2018, sob o título *Vers la banlieue totale*<sup>6</sup>. Para Charbonneau, a paisagem é a face de uma sociedade, fruto de uma longa associação com ela e de um respeito pelo que a caracteriza. No entanto, a tecnocracia estatal decidiu "modernizar" o país desenvolvendo a infraestrutura ferroviária e rodoviária, generalizando centros comerciais nos arredores das cidades e vilarejos, aumentando o número de conjuntos habitacionais sem levar em conta as especificidades culturais locais, eviscerando os centros das cidades antigas e construindo a mesma arquitetura para estações, hospitais, universidades, fábricas e depósitos... É uma espécie de periferia interrompida que cobre todo o país, negando aqui o relevo, acolá o patrimônio comum. Ele prefere falar de uma "periferia total" do que de um "urbano generalizado", mas dá no mesmo, ele está em sintonia com o tempo e constata, com pesar e amargura, uma uniformização do feio, uma banalização do semelhante que se tornou indistinto. O "fim dos camponeses", anunciado pelo sociólogo Henri Mendras em 1967, corresponde a essa fase da urbanização sem qualidade que se espalha pela França toda, o desaparecimento do camponês, substituído por agricultores desqualificados, submetidos às indústrias agroalimentares e químicas, obrigados pelos bancos e pela política agrícola da União Europeia a adquirir caros equipamentos mecânicos para praticar uma agricultura intensiva, dedicada à exploração. Os gostos estéticos, os materiais, os equipamentos são decididos pelas marcas "temáticas" globalizadas. Um comerciante de móveis ou de louças, de bricolagem ou de jardinagem determina o mobiliário das casas standardizadas, as vestimentas de seus ocupantes, assim como seu modo de vida, os lazeres e o emprego do tempo! A publicidade age tanto para unificar comportamentos quanto lugares... Bernard Charbonneau não imagina uma alternativa a esse processo, tão potente ao ponto de convencer todos de sua legitimidade. O consumidor consome, com prazer, o que tem para consumir — o que o consome também — e, assim, é cúmplice da sua própria alienação. Os consumidores não se submetem, aderem. Não vivem, são alojados, transportados, educados, cuidados e entretidos. O urbano torna-se a referência e a norma. As *non-villes* se ornaram de uma "rua antiga" que se consome nos finais de semana. As *non-campagnes* propõem uma "festa tradicional" concebida em Paris com os músicos e os contadores de história vindos do mundo inteiro...

Em 1990, publiquei *Homo urbanus: essai sur l'urbanisation du monde et des mœurs*<sup>7</sup>, no qual cito Henri Lefebvre, de quem tomo emprestada a noção de urbano que combino com a homogeneização em curso dos valores e dos comportamentos. O mundo está se tornando urbano, e todos os seres humanos são, mais ou menos, urbanos. O camponês malinês, o motorista de caminhão indiano, o fazendeiro argentino, o morador queniano da favela e o pescador indonésio adotam o estilo de vida dos moradores da cidade, cada um de acordo com seus meios. Essa urbanização de estilos de vida está sendo impulsionada pelas

<sup>6</sup>CHARBONNEAU, Bernard. *La lèpre du paysage*. In: BARDET, Maurice. **Vers la banlieue totale**. Paris: Anthropos, 1972.

\_\_\_\_\_. *De l'anarchitecture pavillonnaire à l'ordre Babelien*. In: BARDET, Maurice. **Vers la banlieue totale**. Paris: Anthropos, 1972.

\_\_\_\_\_. *La fin du paysage*. In: BARDET, Maurice. **Vers la banlieue totale**. Paris: Anthropos, 1972.

\_\_\_\_\_. *Vers la banlieue totale par le pouvoir total*. In: BARDET, Maurice. **Vers la banlieue totale**. Paris: Anthropos, 1972.

<sup>7</sup>PAQUOT, Thierry. **Homo urbanus: essai sur l'urbanisation du monde et des mœurs**. Paris: Editions du Félin, 1990.

\_\_\_\_\_. **Le Monde des villes. Panorama urbain de la planète**. Bruxelles: Paris, Editions Complexe, 1996

\_\_\_\_\_. **Terre urbaine. Cinq défis pour le devenir urbain de la planète**. Paris: La Découverte, 2006.

\_\_\_\_\_. **Désastres urbains. Les villes meurent aussi**. Paris: La Découverte, 2015.



escolas e seus livros didáticos, pelo consumismo e seus centros comerciais, pela migração, pelo turismo de massa, pela televisão e, desde o final do século passado, pela internet. Claro que diferenças existem, sociais, sexuais, religiosas, mas o produtivismo se impõe em tudo, tanto no campo quanto nas fábricas, nos escritórios, nos hospitais e nas escolas e universidades, e tende a uniformizar os territórios e suas paisagens. Isso, vimos, não escapou a Bernard Charbonneau. Em 1996, por ocasião do Habita II, em Istambul, reuni várias contribuições para desenhar o *Le monde des villes: panorama urbain de la planète*. Nele, afirmo que a divisão geopolítica que prevalecia ainda 20 anos antes se unificou: os dois blocos (soviético e americano) e o terceiro mundo constituem um único mundo, e ele é urbano. Em 2006, publiquei um ensaio, *Terre urbaine. Cinq défis pour le devenir urbain de la planète*, no qual confirmo a tese anunciada dez anos antes. Nove anos mais tarde, com *Désastres urbains. Les villes meurent aussi*, descrevo uma situação piorada por causa da mudança climática e da multiplicação da poluição em todas as áreas... Nessas três obras, a noção de urbano é central. Em minha opinião, ela mescla as respectivas contribuições de Lefebvre, Charbonneau e Choay com alguns autores mais antigos, como Georges de Montenach, Patrick Geddes e Lewis Mumford. Constatei que, embora possamos discernir várias modalidades do processo de urbanização (megalopolização, favelas, disseminação de condomínios fechados, supremacia de algumas “cidades globais”, cidades-dormitório de pequeno e médio porte), todas são submersas no urbano generalizado que as unifica. A prova disso é a expansão urbana nos Estados Unidos, a *città diffusa* na Itália, a *zwischenstadt* [entrecidade] na Alemanha etc. O subúrbio norte-americano corresponde à dispersão de moradias incentivada pelo carro. Os romances e filmes norte-americanos se aproveitaram dela sem esconder seus lados mais sombrios, como a alienação específica das “donas de casa”. No entanto, ter uma casa com jardim convém aos habitantes. O sociólogo americano Ray Oldenburg, nascido em 1932, constata que o “suburbano” frequenta dois lugares, sua casa (*home*) e o local de trabalho, e que lhe falta um lugar onde possa desenvolver sua sociabilidade, como um bar, uma biblioteca, um salão de cabeleireiro onde ficar antes de voltar à sua casa. Ele nomeia, em 1989, esse local de “um terceiro lugar”, espontâneo, sem confusão, sem hierarquia e que pode desaparecer assim como foi criado...

O arquiteto e urbanista alemão Thomas Sieverts, nascido em 1934, publica *Zwischenstadt* em 1997. Essa “entrecidade” que agrupa numerosos habitantes deve ser reconhecida como a forma nova de residência e não deve ser estigmatizada. Não se baseia mais na densidade, na centralidade e no uso misto, mas em uma nova configuração cidade/campo, que pôde observar no Rio Ruhr, onde um antigo território industrial foi reconvertido em novas condições econômicas e ecológicas. Francesco Indovina, nascido em 1933, propõe a noção de *città difusa* [cidade difusa], em 1990, para designar os territórios pouco urbanizados. Estuda a área central do Vêneto ao longo dos anos de 1980 e observa que a indústria se mistura às zonas da agricultura em declínio, que se tornam locais de residência. Uma vasta região se põe a funcionar como uma única cidade, mesmo que não seja densa e contínua, é a “cidade difusa”. Seu teórico sabe muito bem que ela consome muita energia e que é contrária à compacidade própria de uma cidade densa, mas deve aceitar o desejo de uma população de viver nesse território urbanizado como se fosse em uma cidade, mesmo sem sê-lo de fato. A *città diffusa*, assim como a *metropoli territoriale* [metrópole territorial] que a completa, espera sua governança, que nada tem em comum com o que existe.

Françoise Choay, incontestavelmente, reconhece as profundas mudanças que afetam os territórios urbanizados com a expansão do domínio digital e da globalização e aponta o urbano que não satisfaz a busca por urbanidade. Assim, ela encontrará, no territorialismo elaborado por Alberto Magnaghi, uma resposta encorajadora; a “biorregião urbana” dará ao urbano o que lhe falta: um sentido ao mesmo tempo ecológico, político e cultural.



### **Thierry Paquot (autor)**

Filósofo do urbano, professor aposentando do Institut d'Urbanisme de Paris e editor da revista *Urbanisme* desde 1994. Publicou numerosos livros sobre a urbanização planetária, as utopias, a geo-história e o pensamento ecológico. Entre seus livros, encontram-se: *Désastres urbains. Les villes meurent aussi* [Desastres urbanos. As cidades também morrem] (2015, 2019); *Mesure et démesure des villes* [Medida e desmedida das cidades] (2020); *Demeure terrestre: enquête vagabonde sur l'habiter* [Morada terrestre: pesquisa divagante sobre o habitar] (2020); *L'Amérique verte: portraits d'amoureux de la nature* [A América verde: retratos amorosos da natureza] (2020); *Les bidonvilles* [As favelas] (2022); e *Rachel Carson: pour la beauté du monde* [Rachel Carson: pela beleza do mundo] (2023).

### **Elane Ribeiro Peixoto (tradutora)**

Professora da Universidade de Brasília, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Suas pesquisas abrangem temas da área de teoria, história e crítica, incluindo a tradução de textos de interesse. Assumindo a tradução como um diálogo entre culturas, foi responsável pela tradução do francês para o português de *Percorrer a cidade* [*Courir la ville*] (2002), de Henri-Pierre Jeudy, e de *O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese* (1903) [*Le culte moderne des monuments: son essence et sa genèse*], publicado em francês em 2013, de Aloïs Riegl. Atualmente, faz a tradução dos verbetes assinados por Françoise Choay e publicados no *Dictionnaire d'urbanisme et de l'aménagement* (2015), obra que a historiadora das ideias dirigiu em parceria com Pierre Merlin. Essa tradução é um dos resultados do trabalho de pós-doutorado de Elane Peixoto, realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Prourb), sob a supervisão de Margareth da Silva Pereira e com apoio do CNPq.